

ção tem  
Depois  
Agrícola  
por que  
as camas.  
cabregas,  
pôr no  
seringa.  
injecções  
a manda  
tudantes,  
invertir-se  
a passá-  
ndo pon-  
são ho.

do Porto

ido Pai  
os pelos  
cidade.  
ocorrido  
roupas,  
irmãos  
quecidos  
de Festa  
m todas  
Vai por  
ina dis-  
para que  
noite de  
da, sem  
po a tal  
peranti-  
do de  
amente,

sariam  
resposta.  
pedindo  
Américo  
s vós e  
quadra

Lar do  
mfrades.

S  
abalho.  
na das  
na. Mo-  
da que  
galves.  
ue data  
te com  
formam  
atedral.  
ta Ana  
Virgem,  
Escudo  
o fun-  
Luís da  
e por-  
ela sur-  
ela sua

to bela.  
cada  
m cada  
ia bela  
homens.  
s olhos  
o o ins-  
tráveis.  
m depa-  
ura que  
io, no  
a huma-  
zes que  
a boca!

quarto  
Avila,  
balha e  
não nos  
a coisa,  
al aos  
par às  
ve, mas  
curvas...  
Daniel  
Américo)



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XV—N.º 385—Preço 1500  
13 DE DEZEMBRO DE 1958

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato—Paço de Sousa  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato—Paço de Sousa

FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA—Director e Editor: PADRE CARLOS  
Vales do Correio para Paço de Sousa—Avença—Quinzenário

## FACETAS DE UMA VIDA

### Das pessoas e das coisas

Ele não é bem uma coisa nem é bem uma pessoa; é, na linguagem difícil dos metafísicos, um suposto. Suposto que quer dizer: supõe que e mas não é. Tem todas as coisas para ser alguma coisa, mas como lhe falta uma certa coisa, não é coisa, nem é pessoa.

Então quem é? É um suposto.

Assim, por exemplo, o nosso gerico. Não é coisa porque é um animal, não é pessoa porque é um burro. Então que é? É um suposto. Ora aí têm.

Pois é do nosso gerico que eu vou falar.

Veio para cá ele aqui há tempos com maus costumes e jeitos de garoto. Não fazia caso do Aires; não queria vestir a casaca; saía de noite do curral sem licença de ninguém; e de dia, muitas vezes, ia dar o seu passeio até às portas do Liceu. Pois um dia, tal coisa lhe segredou o Aires, que o jumento nunca mais saiu sem ser de coche e sempre acompanhado, e cá por casa não mais fez das suas.

A janela do meu quarto diz para o portão. Pois eu tenho visto o senhor gerico muitas vezes em atitude de quem quer ir dar o seu bordo até lá fora. Mas pensa no caso; dá voltas à vida, olha para trás, lembra-se do recado do Aires e enfia para o curral.

Temos então que é suposto

porque não é coisa; temos mais que não é pessoa porque é burro; mas também temos que não é burro porque é esperto.

E aqui está como o suposto dos metafísicos vem atrapalhar tantas vezes as nossas suposições.

\* \* \*

Agora sim; são as pessoas. Duas pessoas: o sacristão da semana e uma pessoa de fora. «Aquele é que é o Senhor

Bispo, não é? Cá me parecia. Ele já foi à minha terra; eu era regedor e peguei às varas do pálio. Pois eu venho para me confessar a ele».

No fim rapa da carteira — uma carteira muito sebenta, cheia de notas e de basófia — mete alguma coisa nas mãos intrigadas do Alexandre e enfia pela porta fora.

«Calha bem! — diz o Alexandre, antes de abrir a mão — já não preciso de ir dar este ano as Boas-Festas!» E todo trémulo espreita a nota. Era uma das dez tostões que já não passam!!!

FREI JUNÍPERO

(Luz Nova n.º 12, Abril de 1930)

## Aqui LISBOA

O Padre da Rua é um atormentado. Queima-o uma ânsia interior de amor aos seus rapazes e aos Pobres. Esmagam-no certas incompreensões e indiferenças e a banalidade de algumas pessoas por quem passa. Humilha-o também o sentir-se olhado com um respeito que não merece e uma dignidade que despreza. E daqui não vem menos sofrimento. Se há nele dignidade, se respeito — por quem o merece? Pelos Pobres e pelos Rapazes que o rodeiam. São eles a sua fortuna neste mundo e a felicidade certa no outro. Os títulos andam trocados. Para o Pobre a dignidade de figura

de Cristo; para o Rapaz o respeito e temor do juízo terrível de Deus.

Ninguém que não saiba ler o Divino no Humano consegue jamais arrancar sentimentos de misericórdia para com o velho das pontas de cigarro e o rapaz sujo e pé descalço pelo abandono. Ai o abandonado! Donde nos vêm os títulos! Cada vez mais e cada vez pior. Quanto mais alarga a lei, mais o homem alarga; quanto mais miséria mais miséria. Tenho um rapaz filho e neto. Outro com irmãos em dois ramos. Outros, muitos, que nunca mais tiveram irmãos. Foi aquele da primeira desgraça. Ai de quem a culpa? E ainda um caso complicado. A mãe juntou-se com outro homem que já tinha filhos doutra e agora mais da mãe deste. O pai, o mesmo. E pior. Estava num abrigo de rapazes. Foi entregue à rua porque apareceu um pedido importante e não podia ser doutro modo. E ele veio e hoje é nosso. Ora eu andava cheio de pedidos. Padre Batista deixou-me 93 e naqueles dias tinha sido uma série deles aflitos e mais aflito eu para conseguir dizer que não. E aquele disse: se não aparece casa para onde vás dentro de um mês ponho-te na rua em Lisboa onde a polícia veja e tome conta. E agora aproxima-se o dia e não sou capaz. Onze anos, esperto, olhar manso. Fala a cantar, é alentejano. E porque desprezado por todos é amado por Deus. Assim eu fosse. E é da Rua como eu; e aqui todos os

### «Uma casa de família para as sem família».

Mundo, o Pão Vivo desceido dos Céus, na pessoa de Jesus Cristo. A nossa obra, há-de iluminar a alma das suas filhas com a luz do Evangelho e abrir-lhes a porta para o grande banquete, onde vão buscar força para a conquista da virtude aqueles que crêem no Senhor Jesus e vivem na Sua amizade.

Mas, desde que o Filho de Deus veio ao mundo, Belém, gruta e presépio são a exaltação da pobreza e um convite à renúncia, ao desprendimento de tudo o que, agradando embora aos nossos sentidos ou ao nosso amor próprio, seja obstáculo à realização dos de-

Continua na 3.ª página

## Inquietação de futuros sacerdotes

São retalhinhas de cartas a dizer do fogo que lavra por esses seminários além Fogo desceido do Céu... Fogo que ilumina e aquece divinamente, porque é luz da Luz e compromete, «de certeza, o Espírito Santo»:

«Perdoe-me. Passa por sobre o Seminário uma onda prometedora de Amor aos Pobres na qual se envolve, de certeza, o Espírito Santo. Noto-o em muitos e sobretudo no ano a que pertengo; o finalista.

Eu acho duma utilidade grande alimentar esta aspiração que a tantos santificou e que é sinal de predestinação. A Obra não poderia distribuir pelas mãos destes Seminaristas alguma coisa? Mãos que precisam tanto de ganhar hábitos de dar!!

Quem me dera que esses barridos fossem «cuidados» por nós! E quem me dera também que a nossa oração na Capela «contivesse» «esses heróis e esses santos!»

x x x

«Chegou hoje mesmo o «Gaiato». Como já há alguns anos, é o livro de leitura espiritual e meditação de dia e muitas vezes desses dias.

Sabes por que serei padre, se Deus quiser no fim deste ano? Não tenho dúvidas, porque conheci Pai Américo e o Gaiato, nos dias tempestuosos de há anos. Vi nele o que era ser padre. Vi a alegria duma entrega a Deus, vi a alegria duma generosidade sem limites, no esquecimento de nós mesmos, na entrega total e incondicionada nas mãos de Deus. E foi por isso que ganhei força e avancei e hoje bendigo a Deus, porque conheci um guia que foi e continua a ser lá do Céu o amparo dos fracos, daqueles que sentem em si o homem, e que precisam dum braço seguro que lhes aponte o que está para além do homem. Olhei Pai Américo em dias tormentosos, vi a imagem de Cristo, vi que Cristo era uma realidade no Sacerdócio, e não tive mais dúvidas: é por ali o caminho. E vim por ali. E estou a chegar. E agora posso também dizer: «Sei em quem acreditei».

Por isso não posso deixar em cada momento de agradecer a Deus o que nos deu em Pai Américo. Por isso não posso deixar de estar convosco que

continuais a alimentar a chama que Pai Américo acendeu. E estou. E continuo a estar todos os dias.

x x x

«Acabo agora mesmo de ler «O Gaiato» último. Foi a minha preparação para a Santa Missa. E foi. Não tive tempo de ler tudo. Aquilo lê-se, torna-se atrás, para-se, enfim, é «O Gaiato»! Quando tocou, mal tinha passado a 1.ª página. Já sabe como foi a Missa... Cheia d'O Gaiato, A Voz dos Novos, Beire, Paço de Sousa... Uma Missa cheia de rapazes, como os do Snr. Padre José Maria. Eu rapaz também, no meio dos rapazes. Gostei da Missa cantada deste III Domingo de Novembro em que comemoramos o triunfo do Cristianismo. Pois, se não havia de gostar. Ela foi cheia de rapazes.

Depois da Missa continuei. A acção de graças foi bem feita. O Gaiato para mim é sempre isto: Preparação e Acção de Graças.

Preparação para o grande passo solene, não muito distante. Acção de graças pelo que da Obra tenho recebido».

Continua na 4.ª página

## Ainda a Campanha

Foi um dia destes. Conversávamos no escritório de Pai Américo e ele pede: «Tire-me da venda. Olhe que a gente estraga-se». Eu protestei que nós não queremos flores de estufa. «Se expostos à tentação, vocês não sabem segurar-se, quando hão-de aprender?» E disse, e disse, e disse-lhe que não, que não o tirava.

Ora esta queixa não é a primeira nem a segunda vez que os nossos ouvidos pecadores a escutam. E graças..., porque ela é um grito de alarme de uma consciência ainda sã! E é uma queixa razoável de um perigo previsto. Pois não é tentação, e forte!, uma porção incontrolável de dinheiro nas mãos de um rapaz de 10 ou 12 ou 16 anos? Pois não temos nós algumas experiências dolorosas contraídas na venda? Começa-se por pouco; por coisas inocentes; e depois...

Esta não é uma das razões de menos peso a ditar-nos esta Campanha. Eu bem sei que a venda é ocasião de muita sim-

x x x

Con. na página DOIS

## Da que nós necessitamos

«Peço que leve aos seus pobres mais necessitados esses 250\$, fruto do meu trabalho. Embora pobre de bens, que o Senhor me dê cada vez mais vontade de dar». Não fora a Caridade um jogo devorador e estas palavras não teriam razão de ser. O frio do Barredo produz os seus efeitos. Uma nota de mil para a compra de camisas e de agasalhos para aquela família — avó, filha e netos. De Lisboa e para o mesmo fim veio a quarta parte. Sim, é a única maneira de tornar menos geladas as nossas visitas. A Avó de Moscavide guarda para nós um cantinho do seu coração e manda os 20\$ do costume acompanhados das maiores venturas para a vossa Obra». Muitas notas de cinquenta. Uma de Vila de Rei. Outra de Vidigal — Leiria. A mensalidade para a viúva dos 8 filhos. «Embora com menos, graças a Deus ainda posso contribuir com esta importância para ajudar os que precisam». Vem do Porto. Metade de Lisboa, da Travessa de Santa Quitéria. Lisboa volta, desta vez com 150\$ «para pagamento de uma dívida que comeci a pagar o ano passado, quando meu filho procurava emprego». Da Rua de Oliv. Monteiro cinco notas de cem, metade para a assinatura e outro tanto para o que mais necessário fôr. «Sofrendo por não poder dar mais, envio este pequenino auxílio de 20\$ dando graças a Deus por tanto bem que me tem feito». Em cumprimento de uma promessa, cinco vezes mais. O mesmo de A. J. F. Uma encomenda de Covas do Douro. «Os poucos jornais que li foram o suficiente para me impressionar. Uma rapariga». A Missa pedida foi celebrada no dia 18. Em acção de graças, uma migalhinha de 10\$. Pela mesma intenção, 70\$. Alguém que deseja o anonimato diz que os 150\$ que enviou são um donativo. Esta explicação tem a sua razão de ser. Evita confusões. Conforme o prometido «vão os 20\$». Perguntamos se recebemos um aparelho para a surdez. Recebemos, sim senhor. Era da marca Wendfond.

Pacotes de fazenda e flanela, recordando o dia 6-11-931. Vieram do Bairro — Minho. As Senhoras da rouparia não sabiam como resolver o problema do frio dos nossos rapazes. Foi uma ajuda. A cota mensal do costume da R. da Corticeira não faltou. Veio acrescida de outro tanto para que «Deus Nosso Senhor nos dê paz no lar e alegria. Outras vinte.

Domingo passado foi um mar de gente na nossa Aldeia. O grupo excursionista «Os Cravos da Ponte de Rio Tinto» vieram em romagem à Campa de Pai Américo e deixaram 70\$. «Junto envio os meus 20\$. Desta vez vai atrasado mas no fim do mês mando outros». O mesmo em angolares,

para os pobres. L. F. acrescenta 30\$ em acção de graças. Agora, é uma avó a pedir pela saúde de sua filhinha e netos e manda 1 dóll. E uma gota de 50\$ para «um tão grande Oceano». Beira, Moçambique, aparece com «o dobro e diz que em breve voltará. Mande como quiser que tudo cá vem ter. Deixem passar, neste momento, «uma pobre criada» com o seu óbulo de 5\$00. A viúva do Evangelho também deu do que lhe fazia falta. Para a intenção habitual, 200\$. Metade para a viúva da «Nota da Quinzena» e outro tanto para ajudar uma mãe a alimentar o seu filho. Migalhinhas, aqui e além, com pedido de celebração de missas. Estão cumpridas. Uma caixa de Oliveira do Bairro. E remédios de Sintra. O grupo familiar «Os Combatentes de Pedrouços» deixaram em nossas mãos 80\$50. Da Quinta da Granja 22\$50. A alguém, do Congo Belga, que nos pede tão insistentemente, o anonimato, dizem que vieram ter às nossas mãos os 500 francos que nos enviou. Mais uma migalhinha preciosa de 10\$. «Perdoem-me a dádiva tão pequenina, mas é oferecida com muita alegria e satisfação. Envio 50\$». «Para os mais pobrezinhos vão os meus 360\$». E a marcha continua com o Regimento de Infantaria de Luanda: «junto enviamos 4.176\$20, importância da subscrição efectuada pelos militares desta unidade».

«Só hoje envio a importância do costume. E já não sou capaz de a retirar para outro fim. Tomei como um dever e Deus tem-me ajudado e aos meus para o poder fazer até ao fim». Vem de V. F. e são 50\$. Bêzê de Lisboa acrescenta dez vezes mais e diz que sempre que possa dispôr de alguma coisa enviará.

Queria pô-la tal qual nos chegou às mãos. Mas não. Vai apenas um bocadinho: «A Mãe que cre em Deus não se esquece que está prestes a findar o mês e que, por conseguinte, o pagamento da renda de casa está à vista. Também posso mandar os 50\$ para pagar a casa do «meu» velhinho do Barredo. Que ele possa, ao menos, saborear da sua janela, se é que a casa a tem, ou à porta da mesma, estes lindos dias de sol. Escolhi um velhinho em memória de meu saudoso e bom pai, falecido há 16 anos». Ó delicadeza! Roupa e sapatos de senhora, de uma família beirense, amiga dos pobres. Do Búzi, uma nota de quinhentos «do primeiro ordenado de meu filho» com promessa de mandar mais. No Espelho da Moda, os convivas de uma festa de casamento deixaram 600\$. Não resisto: «Cá estou a cumprir o que prometi, com os cem escudos que propuz a mim mesmo enviar para o que mais necessário fôr. E estarei sempre que Deus me ajude a poder fazê-

lo. Só Ele sabe como eu retiro esta importância, pois também estou a pagar a casinha que fiz». Não quer que diga o nome. É da Rua Aval de Cima, no Porto. De Lisboa, em acção de graças, quinhentos, do assinante 28.933. O seu desejo fica cumprido. De S. Paulo, Brasil, uma migalhinha preciosa, para os pobres do Barredo. Quatro de cinquenta: uma de Peniche «pelo bom resultado nos exames de meus filhos»; outra da assinante 2736; ainda outra «pelos bons resultados no meu exame». É uma estudante universitária que fala. De Vila Franca de Xira, a mesma quantia. Para os pobres do Barredo, uma nota de cem da assinante 15.033 e de Lourenço Marques o mesmo. Migalhas de 20 do Porto, de Trancoso e da assinante 23.744. E a romaria anda com um grito de quem não quer parar: «Estou conseguindo mais assinantes. Aqui lhes envio os 100\$ prometidos».

Padre Manuel António

## Ainda a Campanha

— Continuação da 1.ª página —

patia. Ainda há pouco veio um telefonema de uma cidade nortenha: «Olhe, é só para o descansar sobre F. Ele não regressa hoje porque está com 39 graus de febre, uma engripadela... Mas descanse que nós cuidamos dele e amanhã, se já puder, vamos aí levá-lo de carro».

Sabemos de muitos leitores que gostam tanto daqueles diálogos que a venda proporciona, que alguns, sendo assinantes, tornam a comprar!

Pois apesar de tudo, da simpatia que eles levam, da simpatia de que são objecto, mais daquela que trazem, nós apelamos aqui para a mais pura e inteligente amizade dos nossos leitores e pedimos que sacrifiquem aquele gosto e assinem o Famoso em vez de o comprar.

De cada comprador habitual fazer um assinante; e reduzir a venda às exigências dos leitores eventuais — que bom seria!

E «O Gaiato», sem nada perder da sua irradiação do Evangelho «em embalagem hospitalar», não levaria tão cedo para a Rua, rapazes ainda ontem retirados de lá para se salvarem.

Valeu, assim?!



## Madeira Amanheceu em Ponta do Sol.

Após a celebração voltamos a serpentear a ilha. Calheta é bem ao fundo do vale. O Atlântico espraia-se em frente e beija a silenciosa vila. O pároco conduz-nos, encosta acima, até às casas. São três. Tudo aqui é do melhor. Construção duradoura sem dúvida, mas pedra de escândalo. «Elas são superiores às nossas» — repete-se. E são, relativamente a grande parte. Ora, nas virtudes teológicas não há perfeição no meio termo. E o Património dos Pobres é acto de caridade.

Quanto mais tanto melhor. A prudência e o conselho são chamados, porém nunca para destronar a caridade.

Canhas fica a dois passos. Tem vicentinos ardentes e pastor audaz mas seguro. Este foi-nos guiando por carreiro estreito até ao local da casita primogénita.

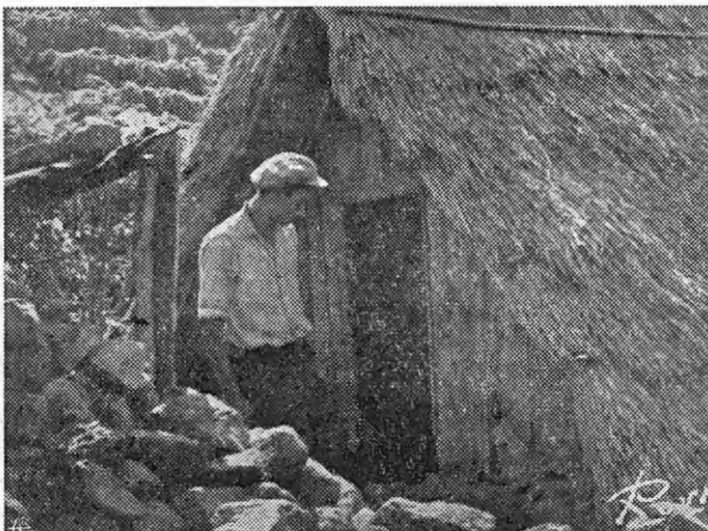
P.nhal frondoso a cerca. Quarto em baixo quarto em cima, servido por escada interior; cozinha ao lado engrinalhada com roseiras. Dentro um casar muito longe da singularidade: mãe com cinco pequenitos de alguém que abandonou o lar...

Proseguimos. Da vereda deparamos com três cumes de colmo idênticos. Descendo damos com o suino no da esquerda, cozinha ao centro e sete seres humanos à direita. Onde a distinção? Só de perto nos é dado distinguir.

Pois isto vai ser pedra no sapato dos senhores que me acompanham. E em breve vão descalçar-se. Melhor, amar os pobres preteridos.

Ribeira Brava não é longe. Fica no caminho que leva à cidade. Em meio da vila o presbitério. Estamos diante de quem reflecte amargura com a sorte de seus paroquianos. Vigário e cura dão mãos e alternam um na igreja, outro por fora. Aqui o corpo, ali o espírito. Alimentos igualmente precisos. Um sem o outro não vale. Por isso as casas sobem. Os pobres são abrigados. A justiça empresse-se. Cristo é res-

Eis uma das barracas de colmo na Ilha da Madeira.



peitado. Trepando a encosta vamos saboreando as 18 já entregues. Se os números falamos oigamo-los. O mesmo alvoroço em todos os Pobres. As famílias numerosas aproveitam o sótão para alojamento onde gatarea clareia o ambiente e permite viver com felicidade.

Contudo a inquietação perdura porque não se extinguiu ainda a fonte que a originou. Mais alicerces estão abertos. Seguimos pró Campanário. Alma cheia, o pároco anda a levantar a Casa de Deus, bela e espaçosa; mas a par não esquece o Deus escondido e sofredor nos Pobres. Tem uma e vai para mais. Estas casas são capelas que se erguem ao Senhor. Ele não pode permanecer por aí ao relento. A fé não deixa quietar o cristão.

Passamos por Gaula.

Na residência paroquial onde nos recolhemos servem-nos o manjar trivial dos madeirenses — milho frito. Temos, pois, ocasião para apreciar esta especialidade regional. Cai bem, apetitosa como está. E com este conforto, levantamo-nos para conhecer de perto os pobres da fuma. Onde quer que se arrije o teor de vida é semelhante. Nada essencialmente novo. Pároco e vicentinos querem mostrar o imperativo humano que os incita e perturba. A rocha perfurada com a picareta cedeu uma furna escura. Na penumbra divisamos um leito só. A nosso lado macilento e envelhecido um pobre homem informou-nos que são sete os moradores. Pequenas escavações vizinhas servem de cozinha e estábulo. Metros andados, mais furnas. Entramos. Aqui é um aleijado de eãs e coreunda acentuada: «Olhe que passa de 30 anos que aqui moro. Esta boca serviu de abrigo na grande guerra». Pois isto é ponto de meditação. O Património dos Pobres com duas casas entregues, vai em marcha, mas longe de findar, porquanto o mal continua por sanar. «A gente pode lá consentir que eles vivam como bichos!», segreda um vicentino. Com este espírito vão lançar-se a tantas casas quantas as precisas. O Mestre não desampara quem nEle confia.

Santana fica na vertente norte da ilha. Até lá delicia de panorama e frescura de ares. Novelas a orlar os caminhos, flores coloridas e perfumadas, sebes pluriverdes, ondulando ao sabor da brisa marítima, terra de encantos e fertilidade de solo e de gente muito boa — tudo isto é Santana. Tem cunho peculiar seu modo de vida. Aqui a Madeira permanece remota. As habitações de colmo com duas águas a tocar o chão macio são as mais características. Por isso mesmo não se fugiu ao estilo no Património dos Pobres. A estes deve dar-se a moradia que sonharam possuir. Nem de

Continua na 4.ª página

# AGORA

Aquela inspirada sugestão, de uma leitora, de que desta notícia no último artigo de hoje, encontramos muito seguidores que a apoiam efectivamente. Gente que aparece de propósito com aquela intenção. Outros, mais numerosos, que aproveitam o pôr em dia das assinaturas e enviam acréscimos para os «30.000 X 20\$ = 600.000\$00 = 50 casas». Igualdade que os matemáticos não reconhecem, porque resolvidas por regras divinas da Equação do Amor!

E a sugestão eu digo-a inspirada, justamente pelo relativamente fácil de realizar. Aliás, um dos não menores segredos do Património, foi a revelação desta facilidade, dependente sobretudo (para não dizer apenas) da boa vontade que torna os homens felizes, porque senhores da Paz.

Torno a dizer: Não foi senão pela consciência adquirida desta facilidade, que Pai Américo chamou «Ovo de Colombo», ao pequeno opúsculo que divulgou a História e a Doutrina do Património dos Pobres. De resto, alguns leitores dão testemunho desta mesma descoberta. Aí vai um exemplo:

«Admirável ideia esta dos 20\$ cada assinante para o Património dos Pobres!

A muitos não custa nada; a outros custa alguma coisa; e a certos custará muito. Mas que estes não se aflijam se não puderem mesmo dar — os mais generosos daqueles a quem não custa nada darão por vários.

Admirável ideia!... Mas não basta dizer que a ideia é boa: há que abrir os cordões à bolsa.

Assinantes, mãos à obra! Eu não sou dos que podem mais, nem dos que podem menos...

Aqui estão, pois, 40\$00 senhores do «Gaiato».

Desarrisquem, façam favor, o

Assinante n.º 912».

Reparem que este leitor tomou tanto a peito o alvitre, que se considerou obrigado em consciência e pede aos «senhores do Gaiato» que o «desarrisquem». E tornem a reparar na profundidade desta voluntária e amorosa obrigação: Por aqueles que não puderem acorrer ao chamamento, ele, que «não é dos que podem mais nem dos que podem menos», sente-se responsável e aí aparece também por um destes: «Aqui estão pois 40\$00».

O Doutrina! Ó beleza! Como não há-de ser «O Gaiato» uma reserva inesgotável de Vida espiritual, se ele bebe em tantos corações apaixonados que põem os seus dons em comum para regozijo e proveito da grande Família reunida em torno do «mais pequenino dos Irmãos», que é Ele, o nosso Chefe, Cristo! Vámos então a organizar a d.º e começemos a organizar a d.º

Sai o estandarte das casas por inteiro. Logo duas, de uma assentada, oferecida na ocasião do casamento da minha filha. Mais doutrina. É gente que pode, sem

dúvida. Mas o mais vulgar entre a gente que pode é virarem-se as igrejas de avesso e as alfaiates e as modistas e as cozinhas de qualquer casa especializada. Depois é a grande parada, super elegante de uma sociedade profana até ao impudor, que na ocasião de um casamento se lembra e preocupa com tudo menos com o Sacramento.

Deus abençoará aquelas bodas e aquela filha, se mais não fôr, em atenção aos méritos de seus Pais.

Outro pendão: O dos trabalhadores que vão juntando migalhas, mês após mês. O Pessoal do Grémio de Panificação do Porto com 363\$50; e o da Casa Candidinha com mais 400\$; e duas professoras, uma de Marinhas, outra de Olho Marinho para a Casa dos Professores Primários; e os 20\$ de quem os poupa ao fumo todos os meses.

Seguem agora caras menos conhecidas que aparecem sem periodicidade. A estes juntamos outros que pedem a «aplicação que melhor entenderem». E nós como os jundos do Património têm sido como o azeite da viúva de Sarepta, vamos destinando estas gotinhas a alimentação do grande caudal debitado que ainda se não esgotou, nem esgotará — creio — somente porque Deus é. Cinquenta da Rua do Vale Formoso; e outros da M. Celeste; metade de «Os Iniciadores» de Campanhã; 100\$ do Funchal (estes aparecem todos os meses, sem a mais pequena referência a não ser a terra de origem); e duas fatias mais grossas, uma de quatro e outra de cinco, respectivamente do Porto (da Rosa), e de Braga («em homenagem e sufrágio da alma de sua mulher».) E o desfile termina com os das casas a prestações.

Uma surpresa feliz. Logo à frente os M. M. — A. L. que há muito tempo não víamos já. Traziam um fogaço de mil. Outro tanto para a casa «Anunciação». O 1.º mistério do Rosário está chegando ao fim. Depois... «Visitação». Quando a gente se lembra da piedade individualista e choradina de grandes multidoes da rosa cristandade que «querem o Céu para si e cada um que se arranje»; e contemplamos a piedade católica, feita de inspiração e expiração de Caridade, que é a vida de Deus em nós, para nós, para todos nós, — ó alegria!

Mais, a Luísa com 200\$, referentes a Outubro e Novembro. E o do plano decenal. E a 2.ª prestação de 100\$ do Casal assinante n.º 28.562. Do Casal assinante — atendam bem! Ele mais ela, uma só carne, um só coração, um só amor... logo, um só assinante! Ó «Gaiato», reserva inesgotável de beleza donde se vêm retratar tantas almas, verdadeiramente imagens de Deus! — como não há-de ser tu uma sedução permanente e sempre nova para os enamorados da Beleza?! Outros 100\$, 11.ª prestação

da casa «Avó Ema»; e o mesmo, 35.º da casa do António e do Fernando.

Outra vez 100\$ de «Um admirador da Obra» que há cinco meses não aparecia. Mas ele justifica: «Não tem calhado, apesar de nunca me ter esquecido».

Mil, de Novembro, para a casa «Por dum José». E o nosso correspondente da Casa de N.ª S.ª da Espectação, que chegou aos sete deles.

«Está o Inverno à porta e com ele o frio, a chuva, por toda a gente que penetrará, por todas as juntas mal tapadas da barraca e do casarão-cortiço a cair de velho e podre».

Crianças inocentes, sem a menor culpa de terem vindo ao mundo, vão sofrer horrivelmente, vão sofrer, por mal alimentadas e por mal agasalhadas. São «Santos Mártires Inocentes», como aquelas que sucumbiram à sanha feroz de Herodes. Simplesmente, quem desempenha agora o papel de Herodes é a sociedade, somos todos nós, que «podíamos fazer alguma coisa por eles e nada fizemos».

Ando ansioso por ir até aí, meu Amigo, também para lhe dar um abraço, mas não tem calhado!

E do Porto, mais mil e esta expansão de alma, que aqui deixamos a prolongar o sabor dos valores espirituais:

«Faço hoje 21 anos de casada. A prenda que recebo é esta. A consolação, em conseguir depois de muito sacrifício, poder enviar mais uma pequenina parcela para uma casinha, que possa abrigar algum irmão mais pobre que nós».

Continuo rezando, pedindo a Deus e ao nosso bondoso Pai Américo, a saúde de quem necessitamos, e que ninguém esqueça essa obra grandiosa que ele iniciou.

As Casas do Gaiato, viveram e viverão sempre dentro de meu coração.

Zé Ninguém».

## BELÉM

— Continuação da 1.ª página —

sígnios do Pai do Céu sobre cada um de nós. Ora a obra, tendo como fim a preparação para a vida, de raparigas pobres, terá de viver uma vida de pobreza. Pobreza que respeite a dignidade da pessoa humana. Pobreza a que não falta o alimento sadio e suficiente, o vestido limpo e decente, o lar modesto mas quente e acolhedor. Só assim essas pequenitas retiradas dos bairros de lata e das vielas sombrias aprenderão a viver com dignidade a pobreza que não avilta mas eleva e que tem perfeitos modelos nas três pessoas da Sagrada Família.

Belém, obra emancipada de quaisquer interesses particulares e toda orientada para o fim único de conduzir pelo caminho dum vida digna e útil toda a rapariga pobre que não possa contar com a protecção dum pai, nem mesmo às vezes com o exemplo de vida digna da mãe, há-de conquistar o coração da gente boa da nossa

— Continua na 4.ª página

# CAMPANHA DE ASSINATURAS

Assim como as árvores carregadas de fruto, assim nós também — vergados. É o tomo e não vejo outro. Vergados.

É que não vemos dia o termo e não vejo outro. Vergados. É que não vemos dia o termo e não vejo outro. Vergados. É que não vemos dia o termo e não vejo outro. Vergados.

Ora a maioria dos Devotos não diz palavra: envelope e circular e mais nada! E se não fora o remetente — muito conveniente, aliás, cá para dúvidas que surjam — sabíamos, apenas, da obra que não dos obreiros. É a velha escola do «Gaiato». E assim manda o Evangelho: fazer o Bem discretamente.

Atenção: se os ecos da Campanha já se repercutem nas ondas do Atlântico, não tarda nas do Indico. Isto é a propósito do «Jornal da Madeira»: a secção «Verdadenal» dedica-nos uma das «7 pilulas» do seu formoso, espirituoso e indispensável (e, quem dera, proveitoso) frasco de «remédio ideal para os esquecimentos, faltas de bom senso, atonia administrativa, enafato burocrático, etc.». Uma secção de ler e chorar por mais e que devia ser em todos os jornais que se prezam. Ora vejamos os senhores o que nos diz respeito: «Se o leitor gosta de ler verdades, leia «O Gaiato» a origem das obras criadas pelo grande Padre Américo. Andam empenhados numa nova campanha de angariação de assinaturas — Paço e de Sousa. A assinatura não tem preço fixo: cada um dá o que quer e o que pode. Aqui (no «Verdadenal» evidentemente) as pilulas são sete, mas no «Gaiato»... aquilo é uma embalagem hospitalar». Senhores madeirenses: vamos lá tomar nota da «receita» do «Doutor Ze», que o douto parecer não é cousa para desperdiçar. Estamos às ordens.

Uma outra faceta digna de registo. É de Tomar: «Coloquei o papel das assinaturas na secretária do meu consultório e as pessoas foram assinando. Se tiverem mais papéis destes mandem porque talvez dê resultado. (Já seguiram). Eu também não sou assinante. Rogo pois que conte comigo. Agradecido por me terem proporcionado este prazer». A primeira lista vinha cheia como um ovo! No meio da multidão seguia outros Médicos com assinantes de fresco. Parece-me que se não os acaçaram pelo mesmo processo a diferença é pouca. Ora sendo muitos os deles que assinam o nosso jornal — e poucos os que responderam, ainda — é de esperar que adoptem este sistema, tão simples. Não há paciência que recuse.

Mais um pormenor. Nas grandes empresas ou nas grandes repartições se houver quem viva impregnado de amor por esta causa nobre pode fazer muito barulho. Primeiro caso: um Funcionário da Isola — Lisboa, aparece com uma lista de 22 companheiros de trabalho. Segundo caso: outro da Caixa de Previdência dos Técnicos e Operários Metalúrgicos manda uma e torna com duas listas. Uma panteda de colegas! Ora se aqueles Funcionários se doem tanto pelo «Gaiato» com que amor não hão-de resolver os casos dos a quem servem: técnicos e operários metalúrgicos?!

Eu estava mesmo, mesmo a esquecer — tanta coisa para dizer que a gente perde-se... Mas Cândido insiste: «Estou pra ver se te esqueces do meu Regimento». Pois saibam encheu-se de brio e acaçou por lá uma data de assinantes. Cândido anda que nem um sino: «O meu Regimento vai na vanguarda».

Mais facetas em estilo sintético para dizer muito num mínimo de espaço. São feitos de terras mui dignas de nota. Exemplo: Campo Maior. Se continuam a chegar de lá assinantes como até aqui, «O Gaiato» não tardará a ser, não digo em todos mas na maior parte dos lares da boa gente campomaiorense. Até o Sporting assina! Eu sou de lá perto e tenho pena de não conhecer Campo Maior. Das gentes se já não digo o mesmo há muito tempo, agora mais. Como eu gostava de ver no S. Mateus, em Elvas, moços e moças a cantar! É assim:

Camponesas, camponesas:  
Eu sou de Campo Maior.  
Tenho a minha fala presa,  
Não posso cantar melhor!

Alto! Eu estava aqui a dizer bem de Campo Maior e surge o Roque. Sem pedir licença metese na conversa. «Se falares de Campo Maior não te esqueças de Peniche...» E acrescenta: «Olha a acrescentar: Deves pôr no jornal que a Província está a dar uma valente ensaboada nas grandes cidades». Eu já sabia que o Portugal Português é o da Província. Mas tanto, não.

A malta da administração do Famoso que, verdade se diga, anda mui interessada no êxito da causa, ferve, especialmente, por esse despique que dura há anos e na maré da Campanha reaparece no seu mais alto esplendor: é o Lisboa — Porto. Temos pena, senhores do Porto, mas o ceptro está em perigo. Se os ventos continuam a soprar do Sul... adeus Porto. Eu, porém, acredito na Invicta. Mas... vamos andando, vendo e informando.

Júlio Mendes

